

# O IMAGINÁRIO DA FORMAÇÃO DO IV REICH NA AMÉRICA LATINA

THE IMAGINARY OF THE FOURTH REICH FORMATION IN LATIN AMERICA

Marcos Meinerz<sup>1</sup>

**Resumo:** Após a Segunda Guerra Mundial houve a formação de um imaginário político conspiratório de que o IV Reich poderia se erguer na América Latina, devido ao fato de muitos dos integrantes do alto escalão nazista, como Eichmann, Mengele e Klaus Barbie, terem escapado do tribunal de Nuremberg e se refugiado em terras latino-americanas. Esse imaginário foi representado por livros, filmes, programas de televisão e matérias de jornais e revistas. Exemplo disso é a obra do escritor norte-americano Ladislav Farago que publicou em 1974 o livro intitulado "*Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich*", na qual é narrada a caça a Martin Bormann pela América do Sul, ao mesmo tempo em que denuncia uma conspiração para a formação do IV Reich no continente. Esse artigo visa identificar e analisar esse imaginário presente nos mais variados meios de comunicação.

**Palavras-chave:** Imaginário, IV Reich, Conspiração.

**Abstract:** After World War II there was the formation of a political imaginary conspiracy of the Fourth Reich would rise in Latin America, due to fact of many of the Nazi senior members, as Eichmann, Mengele and Klaus Barbie, have escaped the Nuremberg tribunal taking refuge in Latin American lands. This imagery was represented by books, films, television programs and reports from newspaper and magazines. One example is the work of American writer Ladislav Farago who published in 1974 a book entitled "Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich", in which is narrated the hunt for Martin Bormann in South America, while denouncing a conspiracy existing in the continent for the formation of the IV Reich. This article aims to identify and analyze the imagery conspiratorial Nazi present in various media.

**Keywords:** Imaginary, IV Reich, Conspiracy.

*Um homem chamado Thompson debruçou-se sobre a escrivaninha de um escritório em Londres. Estávamos na primeira semana de outubro de 1968, e eu me encontrava na Inglaterra há menos de uma semana. Cheguei levando apenas a minha vida, uma surrada pasta de documentos e um Tauros calibre 38, com a qual matarei o Dr. Joseph Mengele, o "Anjo da Morte" nazista.<sup>2</sup>*

Hitler não morreu? O IV Reich está em construção em algum lugar do mundo? Essas perguntas, em um meio acadêmico, podem parecer estranhas e sem crédito. A versão mais aceita diz que Hitler se suicidou em um *bunker* na cidade de Berlim, no dia 30 de abril de 1945. Mas certamente

não é para um grande número de escritores que, após a Segunda Guerra Mundial, publicaram vários livros sobre a fuga de Hitler da Alemanha, fato que culminaria na reestruturação do nazismo na América do Sul.

São obras que dizem como Hitler sobreviveu e conseguiu fugir a tempo de Berlim e se refugiar na patagônia. Outras que narram como Hitler sobrevivera até 1967 nos Estados Unidos com contatos entre pessoas dos mais altos cargos políticos. Obras de caçadores de nazistas que narram suas incríveis aventuras atrás de homens como Mengele e Bormann ao mesmo tempo em que denunciam a existência de células nazistas espalhadas pela América do Sul.

Um exemplo desses discursos é a epígrafe deste artigo, formulada por Erich Erdstein, judeu austríaco, ao iniciar seu livro intitulado,

<sup>1</sup>Mestrando em História pela UFPR - Bolsista CAPES.

<sup>2</sup>ERDSTEIN. Erich e Bean, Bárbara. **Renascimento da Suástica no Brasil**. São Paulo: Circulo do Livro S.A. 1977. p. 7.

*Renascimento da Suástica no Brasil* lançado em 1977<sup>3</sup>. Livro que narra a caça a Mengele pela América Latina ao mesmo tempo em que denuncia à existência de uma conspiração nazista para criar o IV Reich na região. O enredo inicia com informações sobre a fuga do autor de Viena, Áustria, em 1938, quando tinha apenas 18 anos de idade, devido à perseguição nazista aos judeus, e finaliza com a narrativa acerca da forma como Erdestein teria matado Mengele, na divisa entre o Brasil e o Paraguai.

O que pretendemos aqui é fazer uma análise, principalmente por meio de livros, desse imaginário que foi representado nos mais variados meios de comunicação. Para tanto, objetiva-se primeiramente apresentar o imaginário do “Perigo Alemão” formado em meados do século XIX, e em seguida mostrar como ele mudou de temática após a Segunda Guerra Mundial. Feito isso, apresentaremos a produção existente que aborda a temática do IV Reich. Por fim, analisaremos a formação do imaginário presente nos discursos dos livros que denunciam a formação do IV Reich na América do Sul.

### O novo “Perigo Alemão”

Desde a segunda metade do século XIX, formou-se no imaginário popular da América do Sul a fantasia do “perigo alemão”. A temática principal desse “perigo” seria a ideia a partir da qual a Alemanha procuraria anexar parte da América Latina (principalmente os países sulinos) ao seu território. Os imigrantes e descendentes de alemães residentes nesses territórios, teriam um papel destacado neste empreendimento.<sup>4</sup>

Esse imaginário sustentou-se a partir de certas interpretações de costumes e tradições de grupos de imigrantes alemães. De acordo com René Gertz - que estudou esse “perigo” na região sul do Brasil em seu livro *O perigo alemão*<sup>5</sup> - a acusação repetida contra alemães e seus descendentes, desde o início da imigração em 1824, é o da não-integração. Eles se manteriam a margem das nações – no caso a brasileira - pela ausência de miscigenação, pela conservação da língua, dos

costumes e do legado cultural da Alemanha em geral. Segundo Gertz:

A ideia de não-integração, de segregação, de antipatriotismo e de anticidadania ganhou nova dimensão com a criação do império alemão em 1871 e o quadro internacional daí resultante. A Alemanha não tinha colônias e ideólogos e estrategistas alemães pensaram no aproveitamento dos “alemães no exterior” em benefício da “pátria-mãe”. Já em 1865 o geógrafo alemão Woldemar Schulz, escrevendo sobre as possibilidades de imigração para o sul do Brasil, Uruguai e Argentina, citava uma personalidade alemã que havia dito: “... ninguém praticamente lembra que com isto se criaram lugares de reunião para os ramos caídos do nosso tronco, onde todo botão de flor se transforma em um fruto maduro para a pátria alemã, onde qualquer pulsação do sangue da velha pátria é refletido”. Certamente alguns destes ideólogos e estrategistas – mais exaltados e menos realistas – pensavam até numa anexação, na criação de uma colônia alemã como os franceses as tinham na Ásia ou na África.<sup>6</sup>

Gertz escreve que a temática do “perigo alemão” também adquiriu amplitude internacional, com a participação da imprensa britânica, norte americana e francesa. Intelectuais e jornalistas brasileiros também produziram muitos trabalhos sobre o assunto. Como exemplos, Gertz cita os livros de Sílvio Romero – *O alemanismo no sul do Brasil* de 1906, *O perigo prussiano no Brasil*, de Raimundo Bandeira produzido em 1914 e *O pangermanismo no sul do Brasil*, de Raul Darcanchy de 1915.<sup>7</sup> O autor ainda nos mostra mais um exemplo de como a ideia estava presente no pensamento de muitos:

O barão de Cotegipe, por exemplo, manifestou seu temor: “De algum tempo para cá estão acontecendo na Europa as coisas mais incríveis. Uma grande potência procura reconstruir no além-mar o velho sistema colonial. Se continuarmos a

<sup>3</sup>Ibidem.

<sup>4</sup>GERTZ, René **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1991.

<sup>5</sup>Ibidem.

<sup>6</sup>Ibidem. p. 15.

<sup>7</sup>Ibidem. p. 16.

estabelecer em nossas províncias grande parte de seus imigrantes, esta potência não terá dificuldades de um dia estender suas fronteiras sobre o nosso território”.<sup>8</sup>

O imaginário do “perigo alemão” se estendeu “com intensidade variável por quase quarenta anos, até a Primeira Guerra, quando a derrota alemã enfraquecerá seu principal argumento: as pretensões imperialistas da Alemanha”.<sup>9</sup> A temática voltou a ficar mais intensa com a ascensão do nazismo na Europa e a eclosão da Segunda Guerra Mundial. René Gertz explica que neste momento, “qualquer traço cultural podia ser aproveitado na tentativa de comprovar nazismo entre os teutos”.<sup>10</sup>

Portanto, o grande número de alemães que imigraram para a América Latina e a consequente manutenção de vários aspectos culturais oriundos de sua terra natal, juntamente com a política expansionista adotada pelos governos da Alemanha desde a segunda metade do século XIX, mostravam-se como um forte indicativo para realmente se preocupar com esse “perigo”.

Contudo, após a Segunda Guerra Mundial esse imaginário que, num primeiro momento, correspondia a suspeita de que a Alemanha pudesse anexar parte da América Latina ao seu território, posteriormente adquiriu outra forma: o da formação do IV Reich. Verificamos isso em livros e filmes que possuem como tema principal a relação dos imigrantes e descendentes alemães da América Latina com a suposta reestruturação do nazismo por suas terras.

## A produção do imaginário

Em 1947 o húngaro Ladislao Szabo, publicou na Argentina a obra intitulada “Hitler está Vivo”. Nele, o autor declara que Hitler não estaria morto e que ele havia sido transportado secretamente para a Antártida por um comboio de submarinos alemães e que de lá estaria planejando

a reestruturação do Reich na América Latina.<sup>11</sup>

A partir de 1964, o escritor brasileiro Roberto Botacini publicou quatro livros que, em suma, tratam sobre a fuga dos principais líderes nazistas para a América Latina e que o suicídio de Hitler não passaria de uma fraude, pois estaria na América Latina junto de seus subordinados. A primeira obra intitula-se “Onde estará Hitler?”. No mesmo ano publicou o livro “Nazistas na América” e no ano seguinte “A fuga de Hitler”. Em 1977, publicou “O nazismo sobrevive ao Terceiro Reich”.

O jornalista húngaro Ladislao Farago publicou em 1974, nos Estados Unidos, o livro “Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich”<sup>12</sup> (Consequências. Martin Bormann e o Quarto Reich). Nele é narrada a caça a Martin Bormann pela América do Sul efetuada pelo próprio Farago. Sobre a caça a Bormann pela América e pelo restante do mundo, encontramos também os livros: “The Bormann Brotherhood” (A Irmandade Bormann) de William Stevenson de 1973; “The Hunt for Martin Bormann” (A caça a Martin Bormann) de Charles Whiting de 1977; “Martin Bormann – Nazi in Exile” (Martin Bormann – Nazi no Exílio) de Paul Manning de 1981; e “Escape from the Bunker” (A Fuga do Bunker) de Harry Cooper de 2006.

Em 1977, o austríaco Erich Erdstein publicou no Brasil o livro “Renascimento da Suástica no Brasil”<sup>13</sup>, no qual é narrada a caça a Mengele por ele efetuada, também pelas terras latino-americanas. No livro, o autor denuncia a existência de células nazistas empenhadas em deflagrar o IV Reich no continente.

No ano de 2010, dos autores argentinos Juan Salinas e Carlos De Napoli publicam a obra “Ultramar Sul - A última operação secreta do Terceiro Reich”, no qual é narrada a fuga de Hitler, por meio do uso de um submarino, da Alemanha para a patagônia.<sup>14</sup>

Em 2011, os britânicos Gerrard Williams e Simon Dunstan, publicaram o livro “The Grey Wolf –

<sup>8</sup>Ibidem. p. 16.

<sup>9</sup>Ibidem. p. 16.

<sup>10</sup>GERTZ, René **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1987, p. 88. Para analisar mais detalhadamente o “perigo alemão” ver: GERTZ, René. **O perigo Alemão**. Op. Cit.

<sup>11</sup>SZABO, Ladislao. **Hitler está Vivo**. Editora Tabano, 1947.

<sup>12</sup>FARAGO, Ladislao. **Aftermath. The Most Daring Manhunt of our Time. The Final Search for Martin Bormann**. New York: Simon and Schuster, 1975.

<sup>13</sup>ERDSTEIN, Erich e Bean, Bárbara. Op. Cit.

<sup>14</sup>DE NAPOLI, Carlos, SALINA, Juan. **Ultramar Sul - A última operação secreta do Terceiro Reich**. 2010.

*The Escape of Adolf Hitler*". Os autores sustentam que Hitler escapou da Alemanha três dias antes de seu suposto suicídio. Hitler teria se instalado em mais de uma residência na Patagônia, com Eva e duas filhas. Viveria mais 17 anos, e teria morrido no dia 13 de fevereiro de 1962, aos 72 anos. A fuga teria sido articulada por Martin Bormann, da cúpula do poder nazista, que também teria escapado para a América do Sul. A fuga, sustentam os autores, contou com a anuência dos EUA, que deixaram os nazistas fugirem em troca de informações sobre tecnologia de guerra. Bormann teria manejado também a fortuna que foi entregue aos governos latino-americanos para que abrigassem os nazistas.<sup>15</sup>

Em 2004, o jornalista argentino Abel Basti escreveu o livro intitulado "*Bariloché Nazi*"; em 2006 lançou o livro "*Hitler en Argentina*"; em 2010 lançou o livro "*El Exílio de Hitler en Argentina*"; e seu último livro de 2011 recebeu o título de "*Los secretos de Hitler*"<sup>16</sup>. Basti também sustenta a teoria de que Hitler fugiu para a Argentina e refuta a idéia de que ele teria se suicidado no final da guerra.

Fato é que nenhum dos livros citados acima apresenta os acontecimentos narrados como sendo de ficção. Ou seja, apresentam-se como relatos de fatos verídicos. Encontramos apenas três exceções. São elas: os livros de Levin, Ludlum e Forsyth. Ira Levin, autor norte americano narra, em "*Os meninos do Brasil*", publicado em 1976, o projeto de Josef Mengele de criar o IV Reich na América Latina. Em suas palavras, o "*livro é uma obra de ficção. Os acontecimentos nele descritos são imaginários, e as personagens – com exceção das pessoas famosas citadas por seus nomes verdadeiros – são também imaginárias*".<sup>17</sup>

O escritor inglês Robert Ludlum publicou em 1978, no Reino Unido, o romance intitulado "*The Holcroft Covenant*" (O Pacto Holcroft), no qual descreve como o IV Reich supostamente seria construído em algum lugar do mundo, financiado

por uma alta quantia de dinheiro do III Reich guardado em bancos da Suíça.<sup>18</sup>

Em 1972, o inglês Frederick Forsyth lançou o romance "*O Dossiê Odessa*". A história do livro se passa numa conspiração articulada por velhos nazistas - protegidos pela organização Odessa que reúne criminosos de guerra do 3º Reich - que sonhavam com a volta do regime nazista à Alemanha.<sup>19</sup>

Entretanto, a partir da década de 1960, também verificamos a produção de matérias de jornais e revistas, tanto brasileiras como estrangeiras, que denunciaram a existência de supostas cédulas nazistas dispostas a formar o IV Reich no continente, principalmente no Brasil. Entre a imprensa internacional encontramos as revistas alemãs: *NEUE REVUE*, *DER SPIEGEL*, *QUICK* e a francesa *PARIS MATCH*<sup>20</sup>. Na imprensa brasileira temos a revista *Realidade* e a *Revista Manchete*. Dentre os jornais, encontramos o *Jornal da Tarde*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de Londrina*, *Rondon Hoje*, *O Estado do Paraná* e *O Paraná*.

Além do que já mencionamos, temos também vários filmes sobre o tema. Em 1974, foi produzido na Inglaterra o filme *O Dossiê de Odessa* do diretor Ronald Neame<sup>21</sup>. Baseado na obra de Frederick Forsyth, citada acima, o filme narra as investigações feitas sobre a Odessa, uma sociedade secreta que aceitava ex-oficiais da SS de Hitler que sonhavam em reestruturar o regime nazista na Alemanha.

Em 1976, foi gravado no Brasil o filme *Aleluia, Gretchen* do diretor Sylvio Back<sup>22</sup>. O filme narra a saga da imigração de uma família alemã para o Sul do Brasil, a família Kranz, desembarcando na região por volta de 1937. A primeira parte do filme mostra a chegada da família ao Brasil e seu estranhamento em relação à comunidade local. Na segunda parte, às vésperas e durante a Segunda Guerra, a família, que se solidarizou ao nazismo e ao integralismo, sofre violentas represálias por parte

<sup>15</sup>WILLIAMS, G. DUNSTAN, S. **The Grey Wolf – The Escape of Adolf Hitler**. United Kingdom: Sterling, 2011.

<sup>16</sup>Para verificar as obras de Abel Basti ver: <http://www.barilochenazi.com.ar>. Acessado no dia 15 de novembro de 2011.

<sup>17</sup>LEVIN, Ira. **Os meninos do Brasil**. São Paulo: Circulo do Livro, 1976. p. 8. Os livros apresentados até aqui foram encontrados em sebos virtuais, bibliotecas particulares e sites da internet. A grande maioria deles já possuímos, sendo que alguns ainda estão inviáveis devido ao preço de venda dos mesmos.

<sup>18</sup>LUDLUM, Robert. **The Holcroft Covenant**. United Kingdom: HarperCollins, 1978.

<sup>19</sup>FORSYTH, Frederick. **O Dossiê Odessa**. Editora Abril Cultura, 1982.

<sup>20</sup>*NEUE REVUE* nº05, de 02 de fevereiro de 1969, *DER SPIEGEL*, nº 07 de 10 de fevereiro de 1969, *QUICK* de 24/30 de abril de 1975, a francesa *PARIS MATCH* nº1.379, s.d.

<sup>21</sup>**FILME: O Dossiê de Odessa**. Título original: The Odessa File. Direção: Ronald Neame. Duração: 128 minutos, 1974.

<sup>22</sup>**FILME: Aleluia, Gretchen**. Direção Sylvio Back. Duração: 118 minutos, 1976.

dos “nacionais”, o que não a faz abdicar de suas ideias. Na terceira parte do filme, na década de 50, ex-oficiais da SS, hospedam-se no hotel da família que foi comprado logo quando chegaram ao país, fazendo-os reviver sonhos e frustrações da Alemanha nazista. Finalmente, nos anos 70, a família se reúne em um piquenique para homenagear sua matriarca, momento em que, ao som de “Cavalgada das Valquírias”, em uma batucada tipicamente carioca, inicia-se uma dança que encerra o filme. Essa fusão da música de Wagner e a batucada carnavalesca seria uma alusão ao IV Reich.

No ano de 1978, foi lançado o filme *Os Meninos do Brasil* do diretor Franklin J. Schaffner<sup>23</sup>, produzido nos Estados Unidos, baseado no livro citado anteriormente de Ira Levin. O filme conta como o médico Josef Mengele vive no Paraguai planejando a criação do IV Reich.

Recentemente os canais Discovery Channel e National Geographic Channel produziram cada um o seu seriado sobre criminosos de guerra na América Latina. A Discovery lançou o programa chamado *Caçadores de Nazistas*, série que conta “a história dos chamados ‘caçadores de nazistas’, um extraordinário grupo que procurou incansavelmente algumas das pessoas mais odiadas do mundo”<sup>24</sup>. Já a National Geographic produziu a série intitulada *Os Caçadores de Nazistas na América Latina*, que semelhançamente a Discovery, “conta a história de um seletivo grupo de agentes secretos, justiceiros judeus que caçaram e capturaram os vinte homens mais malvados do século XX”.<sup>25</sup>

Enfim, uma vasta produção literária, jornalística, cinematográfica e televisiva sobre o tema, que se inscrevem em um imaginário político e social e num clima psicológico de incerteza, insegurança e medo que se instaurou após a Segunda Guerra Mundial, de que o nazismo poderia se reestruturar em algum lugar do mundo.

Isso muito se deve ao fato de que várias pessoas envolvidas com o nazismo, pelo menos as que ficaram mais conhecidas após o término da

guerra devido às suas atividades relacionadas, principalmente, ao holocausto, como Adolf Eichmann e Josef Mengele, terem escapado do tribunal de Nuremberg e se refugiado em terras latino-americanas, dando o mote para a aparição das mais fantásticas e fantasiosas histórias sobre o nazismo.

### Como se forma um imaginário

Para entender a condição de formação desses materiais produzidos no pós-guerra, nos parece necessário explicar quais são os mecanismos de funcionamento de um imaginário social. Segundo Baczkó<sup>26</sup>, a influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende da difusão destes e dos meios que asseguram tal difusão. Nas últimas décadas, os meios de comunicação de massa funcionam com excelência para o controle dos imaginários. Esses garantem a possibilidade de um discurso atingir uma audiência enorme e com a gradual evolução dos meios de comunicação, amplificam-se extraordinariamente as funções performativas dos discursos difundidos e, nomeadamente, dos imaginários sociais que eles veiculam.

No cerne dos imaginários sociais encontramos os mitos políticos. Segundo Raoul Girardet, são quatro os principais mitos políticos presentes no imaginário de nossa sociedade: O mito da Conspiração maléfica tendendo a submeter os povos à dominação de forças obscuras e perversas. O mito do Salvador ou apelo ao chefe salvador, restaurador da ordem ou conquistador de uma nova grandeza coletiva. O mito da Idade de Ouro da qual convém redescobrir a felicidade ou de uma Revolução redentora que permite à humanidade entrar na fase final de sua história e assegurar para sempre o reino da justiça. E o mito da Unidade, ou seja, a ideia de uma sociedade coesa, feliz e igualitária<sup>27</sup>. É justamente o mito da conspiração que abordaremos neste trabalho.

<sup>23</sup> **FILME: Os Meninos do Brasil.** Título original: *The Boys From Brazil*. Direção: Franklin J. Schaffner. Duração: 123 minutos, 1978.

<sup>24</sup> Sinopse da série disponível no site: <http://discoverybrasil.uol.com.br/web/cacadores-de-nazistas>. Acessado em 22 de dezembro de 2011.

<sup>25</sup> Sinopse da série disponível no site: <http://www.natgeo.com.br/br/especiais/cacadores-de-nazistas-na-america-latina>. Acessado em 22 de dezembro 2011.

<sup>26</sup> BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

<sup>27</sup> Ibidem. p.11.

De acordo com Girardet, a denúncia de uma conspiração, de um complô, não deixa de se inscrever em um clima psicológico e social de incerteza, de temor ou de angústia. São nos “períodos críticos” da sociedade que os mitos se afirmam com mais nitidez, impõem-se com mais intensidade e exercem com mais violência seu poder de atração. De acordo com Girardet, são ao longo das linhas das mais fortes tensões sociais que se desenvolvem os mitos políticos. Não há nenhum dos sistemas mitológicos – Idade de Ouro, Revolução redentora ou do Complô – que não se ligue muito diretamente a fenômenos de crise: aceleração brutal do processo de evolução histórica, rupturas repentinas do meio cultural ou social, desagregação dos mecanismos de solidariedade e de complementaridade que ordenam a vida coletiva. Nenhum que não se relacione a situações de vacuidade, de inquietação, de angústia ou de contestação.<sup>28</sup>

Um discurso mítico está inserido em um meio social no qual já exista certa situação de disponibilidade, um certo estado prévio de receptividade. O que significa entre outras coisas, que em sua estrutura, a mensagem a ser transmitida deve, para ter alguma possibilidade de eficácia, corresponder a certo código já inscrito nas normas do imaginário<sup>29</sup>. A construção e aceitação do imaginário social da conspiração dependem de alguma verossimilhança, de algum contado com o real, se não existir isso, não existe o mito.

Encontramos muitos desses elementos – ou seja, um clima psicológico e social de incerteza, de medo ou de angústia; um estado de “disponibilidade, verossimilhança e receptividade” com o real; e um “período crítico” da sociedade - no contexto do pós-guerra, onde identificamos a formação do imaginário de que o IV Reich estaria em formação em algum lugar do mundo, principalmente na América Latina. E isso pode ser verificado na vasta produção sobre o tema apresentada anteriormente.

De fato, os eventos ocorridos com a ascensão dos nazistas deixaram graves traumas e seqüelas em inúmeras pessoas e em vários países,

principalmente quando nos referimos ao holocausto. Logo após o término da guerra, os países que sofreram os seus males, passavam por várias reestruturações sociais, políticas e culturais, e o mundo já começava a ser assombrado pelos temores da Guerra Fria. É justamente nesse período - no qual identificamos como um período crítico vivido pela sociedade - que observamos o surgimento de alguns sentimentos de medo e insegurança no ocidente. Dentre eles podemos citar: o medo da conspiração comunista, o medo da terceira guerra mundial e da eminente destruição de todo o planeta pelas bombas nucleares, o medo e o aparecimento dos discos voadores (ETs) e o medo da formação do IV Reich na América Latina.

Segundo o historiador inglês Eric Hobsbawm, o final dos anos 1940 e início dos anos de 1950 foi provavelmente o período mais explosivo da Guerra Fria. Após duas guerras mundiais, pouca gente se sentia segura. Havia grande ansiedade em relação a um novo conflito mundial e o medo de uma nova depressão econômica, semelhante àquela ocorrida após a Primeira Guerra. As esperanças de uma nova era de paz após a Segunda Guerra tinham se esvaziado depois da escalada de hostilidades entre as superpotências, Estados Unidos e União Soviética.

Na década de 1950 a angústia em relação a eclosão de uma Terceira Guerra Mundial e a eminente destruição de toda a vida no planeta Terra por uma guerra nuclear estava presente no pensamento de muitos por todo o globo. Segundo Rodolfo Gauthier, em sua dissertação de mestrado - *A invenção dos discos voadores*<sup>30</sup> - a fabricação de bombas de hidrogênio, mil vezes mais potentes que a de Hiroshima, fizeram com que esse período recebesse a alcunha de a “*década do fim do mundo*”. Segundo Eric Hobsbawm, a Guerra Fria teve efeitos psicológicos devastadores:

Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade (...) não aconteceu, mas por cerca de 40 anos pareceu uma possibilidade diária.<sup>31</sup>

<sup>28</sup>GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

<sup>29</sup>Ibidem.

<sup>30</sup>GAUTHIER, Rodolfo. **A invenção dos discos voadores (1947 – 1958)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

<sup>31</sup>HOBBSAWM, Eric, **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p. 224.

Como afirma Gauthier, além da existência das bombas nucleares, colaborou para o sentimento de insegurança geral e medo a retórica francamente apocalíptica que as superpotências assumiram desde muito cedo:

Alguns presidentes norte-americanos conclamavam o povo a uma cruzada contra o iminente perigo da “conspiração comunista mundial”. Para Hobsbawm, o anticomunismo apocalíptico era útil aos políticos norte-americanos, principalmente durante as eleições. A demonização do rival causava “histeria pública [que] tornava mais fácil para os presidentes obter de cidadãos famosos (...) as imensas somas necessárias para a política americana.” Por outro lado, Moscou também fazia questão de mostrar aos soviéticos que o mundo capitalista era extremamente hostil. Para o diplomata norte-americano George Kennan, a propaganda anticapitalista era peça fundamental na sustentação do autoritário regime stalinista.<sup>32</sup>

Foi nesse contexto, marcado pelo medo da conspiração comunista para dominar o mundo e o pelo medo e pela ansiedade em relação a uma nova guerra e às bombas nucleares, que Gauthier identifica o aparecimento dos discos voadores. Segundo o autor, “*O clima da Guerra Fria de fato influenciou a história dos discos voadores, ao incentivar muitos a olhar para o céu em busca de novas armas e aeronaves*”.<sup>33</sup>

Reais ou não, provocados pelo medo da guerra ou não, os discos voadores foram interpretados pelas pessoas a partir dos dados e sentimentos daquele momento histórico, os quais, não sem razão, eram bastante pessimistas. Os *flying saucers* nasceram em uma época permeada pelo horror e pela ansiedade e isso ficou registrado nas crônicas angustiadas da época.<sup>34</sup>

Gauthier explica como os discos voadores, que eram vistos inicialmente como meros boatos, passaram a ser pensados como armas secretas, depois como aeronaves extraterrestres, para finalmente se cristalizarem na ideia de visitantes de outros planetas.

Feito este breve mapeamento de alguns medos surgidos em decorrência do “período crítico” da Guerra Fria, a “disponibilidade”, “verossimilhança” e a “receptividade” para que o imaginário da conspiração nazista possa ter surgido no contexto do pós-guerra, encontra seu alicerce na fuga de muitos de seus membros para várias regiões do mundo. Isso ajudou a formar um “clima” psicológico e social de incerteza, de temor ou de angústia, dada a desconfiança de que o nazismo poderia se reestruturar em algum lugar e até mesmo a desconfiança de que o próprio Hitler estaria vivo para novamente liderar a “raça ariana”.

Todos esses fatores possibilitaram a instauração no imaginário da ideia de que existiria uma conspiração para a formação do IV Reich. Segundo a pesquisadora do grupo CEANA, Carlota Jackisch, Adolf Eichmann, que foi o responsável de implantar a assim chamada Solução Final da questão judaica, ingressou na Argentina em 14 de julho de 1950, proveniente de Gênova, Itália.<sup>35</sup>

“José Mengele”, formado em Filosofia e em Medicina; Tenente Coronel das SS e médico do campo de concentração de Auschwitz, que era procurado por seus experimentos com os prisioneiros dos campos, ingressou na Argentina em 20 de junho de 1949.<sup>36</sup>

Jackisch ainda nos mostra um grande número de pessoas que foram consideradas criminosas de guerra que imigraram para a Argentina após a guerra. Segundo Jackisch, temos: Ludolf Hermann Alvensleben, Klaus Barbie, Gerhard Bohne, Kurt Christmann, Hans Fischbock, Erwin Fleiss, Fridolin Guth, Hans Friedrich Heffelmann, Bernhard Heilig, José Janco, Ekart Kraemer, Walter Kutschmann, Fritz Lantschner, Erich Muller, Erich Priebke, Friedrich Rauch, Walter Rauff, Eduard Roshmann, Josef Schwammlinger,

<sup>32</sup>GUTHIER, Rodolfo. Op. Cit. p. 57.

<sup>33</sup>Ibidem. p. 59.

<sup>34</sup>Ibidem. p. 59.

<sup>35</sup>JACKISH, Carlota. **Cuantificación de criminales de guerra según fuentes argentinas**. In: CEANA. Op. Cit. Informe Final. Argentina, 1999. p. 86.

<sup>36</sup>Ibidem. p. 90.

Francisco Votterl e Guido Zimmer; só para citar alguns de uma lista de mais de 180 nomes. Todas essas pessoas possibilitaram a criação das mais fantásticas histórias sobre o nazismo no continente.

Podemos perceber isso, por exemplo, na matéria do jornal *O Estado do Paraná*, do dia 16 de Dezembro de 1967 intitulada: “*O Mini-Reich opera no Brasil: A reaparição do Fantasma Pardo*”, na qual denuncia a passagem do ex-médico do campo de concentração de Auschwitz pelas terras brasileiras:

A esta hora, em algum ponto de Santa Catarina – ou talvez já de Mato Grosso – um homem de quase setenta anos, usando nome e documentação falsos, estava tentando deixar o País. Não será difícil conseguir seu intento, pois com a “cobertura” que possui e a farta documentação forjada que carrega, ninguém, certamente, o deterá para averiguações [...] Este homem é Joseph Mengele, o criminoso nazista mais procurado no mundo atualmente, junto com Martin Bormann, os monstros fabricados pela mente doentia de Adolf Hitler. Mesmo que alguém possua uma foto de Mengele, dificilmente conseguiria identificá-lo: os 22 anos desde o fim da II Guerra Mundial, transformou sua face, que conserva tenuamente o sadismo, a bestialidade que recaiu sobre milhares de vítimas do Reich.<sup>37</sup>

No intuito de denunciar que Mengele estaria vivendo impunemente na América Latina, o discurso acima deixa a entender que existe toda uma “trama”, ou seja, todo um complô formado para a proteção dessas pessoas – Mengele e Bormann - pois eles possuíam uma grande “cobertura” dos supostos redutos nazistas espalhados por toda a América do Sul.

Já no livro de Erich Erdstein, *Renascimento da Suástica no Brasil*, o autor que se apresenta como caçador de nazistas relata as mais extraordinárias histórias enquanto caçava o “anjo da morte”, Joseph Mengele, pela América do Sul, ao mesmo tempo em que denuncia a existência de uma conspiração para a formação do IV Reich. A narrativa tem seu desfecho na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, onde Erdstein, ao saber que Mengele iria cruzar o

rio Paraná a bordo de um barco, se adiantou e armou uma emboscada, conseguindo aprisioná-lo. Ao levá-lo de barco para a Argentina, foram interceptados por uma embarcação da marinha paraguaia:

Assim que a lancha ficou mais perto, Mengele disparou rumo a liberdade, a segurança. Para! Stop! – Gritei. Dois soldados paraguaios pularam para a barcaça a fim de pegar os dois alemães. Levantei a arma e fiz quatro disparos contra Mengele. Os tiros atingiram-no no peito e do lado. Virou-se para mim, olhou-me com uma expressão de surpresa e tornei a disparar. Desta vez atingi-o em cheio na garganta. Seu corpo estremeceu violentamente e caiu da barcaça, de cabeça dentro da água. Seus pés ficaram presos em algumas cordas que estavam no deck; ficou dependurado com a cabeça tocando a água. Os paraguaios, que tinham recuado quando comecei a atirar, agarraram o outro alemão e pularam de volta para a sua lancha. Tornei a disparar e vi o segundo prisioneiro cambaleando e agarrar a perna. Ouvi um grito que vinha do outro lado da barcaça, virei-me e vi um imenso navio patrulha com uma bandeira azul e branca da Argentina hasteada no mastro. Os argentinos gritaram na direção dos paraguaios, que replicaram em língua guarani. Tiros passaram zunindo junto a minha cabeça e, por alguns minutos, houve um tumulto de gritos e disparos. Os paraguaios, vendo que nada podiam fazer contra as armas do barco argentino, deram cobertura a dois dos seus homens que arrancaram Mengele das águas enquanto a lancha começava a se afastar. Seu corpo estava inerte e vi que estava morto. Tinha ficado na água durante cinco minutos, no mínimo.(...) Vi diante de mim o corpo de Mengele mergulhado dentro da água. Um nazista morto. Mas que importava isto? Um nazista nunca morre. Aparecerá amanhã, novamente, com um rosto diferente e um nome diverso, talvez falando uma língua diferente, mas com as mesmas antigas idéias. Senti-me, de repente, cansado demais.<sup>38</sup>

<sup>37</sup>Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**, 16 de dezembro de 1967, p. 15.

<sup>38</sup>ERDSTEIN, Erich. Op. Cit. p. 194-195.

O dramático desfecho apresenta a morte de Mengele e as razões pelas quais Erdstein não poder apresentar à “prova”, ou seja, o corpo do mesmo. Todavia, na década de 1980, após a exumação de um cadáver no cemitério do Embu, São Paulo, constatou-se que se tratava de Mengele. Este havia morrido em 1979, vítima de um ataque cardíaco enquanto nadava no mar em Bertiooga, litoral paulista.<sup>39</sup>

Semelhante a Erdstein, Ladislav Farago também se apresenta como caçador de nazista. Em 1974 Farago, escritor húngaro radicado nos Estados Unidos da América, publicou o livro *Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich*, (Consequências. Martin Bormann e o Quarto Reich)<sup>40</sup>. Com 479 páginas, o livro alcançou grande vendagem chegando a ser publicado em língua alemã, sob o título de *Scheintot*<sup>41</sup> (Aparentemente Morto), além de, em 1975, ser publicada a segunda edição, sob o título *Aftermath. The Most Daring Manhunt of our Time. The final Search for Martin Bormann*<sup>42</sup> (Consequências. A Mais Ousada Perseguição do Nosso Tempo. A Busca Final de Martin Bormann). No livro, Farago narra suas aventuras enquanto seguia o rastro de Martin Bormann pela América Latina ao mesmo tempo em que também denuncia a possível formação do IV Reich pela região que seria comandado pelo “braço direito” de Hitler:

Baseado em entrevistas (algumas das quais fizeram parte de manchetes em todo o mundo), documentos e arquivos secretos, **Aftermath** é o primeiro registro real de uma notável e bem sucedida conspiração mundial, que teve início nas ruínas flamejantes da derrotada Alemanha nazista e terminou em um outro continente em uma nova hierarquia nazista, com o evasivo **gran fugitivo**, Martin Bormann, na sua liderança.<sup>43</sup>

Na metade do livro, o autor apresenta uma série de documentos que comprovariam que

Bormann estaria vivo. Em um suposto documento que, segundo Farago, foi retirado da Polícia Federal da Argentina, temos a descrição da movimentação e das atividades que Martin Bormann realizou na América do Sul. Segundo um desses documentos,

Bormann passou pela Argentina, usando vários pseudônimos, como o de 'Juan Gomez' o seu preferido [...] 1952: Bormann era residente dos Estados Unidos do Brasil, vivia no estado de Mato Grosso e Santa Catarina, ele também fez rápidas viagens para diversos lugares do Paraguai, Valdivia no Chile, Bariloche e Ascochinga na Argentina. Na província de Córdoba, ele esteve em contato com o comando central da organização *Araña* (Aranha), uma organização [designada] a sustentar e reviver a ideologia do Nacional-Socialismo... 1958-1959: Bormann localizado em uma isolada fazenda perto de Curitiba, Brasil ... 1961: Bormann se encontra com Mengele no clube noturno Ali Baba em Assunção, Paraguai [...]<sup>44</sup>

Podemos interpretar que Farago utiliza esses documentos para tentar provar que Martin Bormann estaria vivo, pois, se o mesmo estivesse morto, toda a sua história “cairia por terra”. E o uso desses documentos foi uma das maneiras que ele utilizou para legitimar o seu discurso.

O autor (e muitos outros) não crê na versão de que Bormann tenha morrido em Berlim, em 1945. Farago teria até mesmo se encontrado com Bormann:

Eu o encontrei em um pequeno hospital, que tinha apenas uma dúzia de camas e um quarto individual improvisado para ele, em que dispunha de um excelente e dedicado cuidado de quatro irmãs da Ordem Redentorista. Quando fui levado para o seu quarto, que concordamos ser uma visita de cinco minutos (sem perguntas feitas e, certamente, sem respostas dadas), eu vi um velhinho em uma cama grande com lençóis recém lavados, com a cabeça apoiada por

<sup>39</sup>Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**. Curitiba: 6 de Agosto de 1991. p. 02.

<sup>40</sup>FARAGO, Ladislav. Op. Cit.

<sup>41</sup>FARAGO, Ladislav. **Scheintot**. Hamburg: Hoffmann and Campe Verlag. 1975.

<sup>42</sup>FARAGO, Ladislav. **Aftermath. The Most Daring Manhunt of our Time. The Final Search for Martin Bormann**. 2ª edição. New York: Simon and Schuster, 1975.

<sup>43</sup>Ibidem. p. 1.

<sup>44</sup>Ibidem. p. 270.

três grandes almofadas, olhando para mim com os olhos vagos, murmurando palavras para si mesmo, erguendo a voz uma única vez, e disse, não só com alguma ênfase, mas com um vigor que me surpreendeu, “você não vê que eu sou um homem velho? Então por que você não me deixa morrer em paz?”<sup>45</sup>

Outro que se dedicou a procurar Bormann nas décadas de 1960 e 1970, foi o inglês Charles Whiting. Na sua obra - *À Caça a Martin Bormann* de 1977, o autor narra como investigou o paradeiro do “homem das sombras” pela Ásia e Europa, averiguando pistas, entrevistando testemunhas e apresentando os mais diversos homens que se empenharam a procurar Bormann.

Minha caça particular a Martin Bormann levou-me a dois continentes e seis países. É uma história composta de enganos e traições, pulos de um ponto a outro do globo, sexo *à la nazi*, pinceladas de sordidez e *high-society*, personagens extraordinários envolvidos, e todos os toques excêntricos obrigatórios nas histórias de detetives desde a invenção de Sherlock Holmes. No entanto, não se trata aqui de ficção. Tudo são fatos. E sempre muito reais. Eis a história da maior caçada humana de todos os tempos e do maior enredo detetivesco que o mundo já conheceu: a caça a Martin Bormann.<sup>46</sup>

Whiting era escritor de romances e historiador militar, que entre os anos de 1954 e 2007 escreveu cerca de 350 livros, incluindo setenta títulos de “não-ficção” que abordam temas variados do serviço de inteligência nazista aos regimentos britânicos durante a Segunda Guerra Mundial. Seu primeiro romance – *The Frat Wagon* (O vagão da fraternidade) foi escrito em 1954.<sup>47</sup>

Na obra *À Caça a Martin Bormann*, o autor nos apresenta uma cronologia das notícias sobre o paradeiro de Bormann:

1947: Bormann em Sidnei. 1947: Bormann no Egito. Março de 1947: O Serviço Secreto americano procura Bormann na Espanha. Julho de 1947: Chegam rumores à Europa de que Bormann está vivendo ao pé dos Andes. Novembro de 1949: Bormann “visto” em Munique. Abril de 1950: Um jornal dinamarquês informa que Bormann está na África do Sul. Outubro de 1950: O emigrante alemão Hesslein informa que Bormann está no Chile. 1958: Bormann “visto” no Equador. 1960: Bormann “visto” na Argentina. Abril de 1961: O Promotor Distrital Fritz Bauer, de Frankfurt, declara: “Bormann ainda está vivo”. Maio de 1961: Bormann vive no Brasil. Novembro de 1961: Bormann agora está no Chile? Junho de 1962: Informa-se que Bormann fugiu da Alemanha num submarino alemão. Foi para a Argentina. Visita a Alemanha uma vez por ano. Março de 1964: Descoberto “túmulo” de Bormann no Paraguai (morto em fevereiro de 1959). Março de 1964: Simon Wiesenthal: “Bormann está vivo na América do Sul”. Abril de 1964: O tcheco Jaroslav Dedic declara: “Enterrei Bormann em Berlim, em 1945”. 1966: Bormann vivendo numa tribo de índios em Mato Grosso, no Brasil. 1967: Correm boatos sobre Bormann em *Kolonie Waldner 555*, na América do Sul. 13 de dezembro de 1971: O governo alemão desiste de procurar Martin Bormann.<sup>48</sup>

Todavia, apesar do “encontro” e das várias notícias sobre o paradeiro de Martin Bormann, em abril de 1998 foi realizado um teste de DNA nos restos mortais encontrados em Berlim em 1972, que confirmou serem de Bormann, que morreu no final da Segunda Guerra Mundial<sup>49</sup>. Já em abril de 1992 o argentino Juan José Velasco, que vendeu em 1972 os documentos sobre Bormann que Farago utilizou em seu livro, contou como havia enganado-o, vendendo-lhe documentos falsos:

Eu havia estado com ele duas vezes em setembro e no princípio de dezembro de

<sup>45</sup>Ibidem. p. 431.

<sup>46</sup>WHITING, Charles. *À caça de Martin Bormann*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 7.

<sup>47</sup>Podemos observar algumas dessas obras no site: <http://www.fantasticfiction.co.uk/w/charles-whiting>. Acessado no dia 28 de agosto de 2012.

<sup>48</sup>Ibidem. p. 9 – 10.

<sup>49</sup>Cf. Revista **VEJA**. São Paulo: 11 de novembro de 1998. p. 138.

1972 eu sabia que ele estava interessado em conseguir materiais sobre Bormann. Foi muito fácil fazer porque eu tinha papel timbrado. Só foi questão de inventar informes e colocar neles selos e códigos para que parecessem autênticos. Ele comprou todo o material. Na realidade, tudo parecia muito confiável [...] <sup>50</sup>

Após o encerramento do conflito, tanto os aliados ocidentais quanto os soviéticos se empenharam intensamente na busca por Martin Bormann, que terminou julgado e condenado pelo tribunal de Nuremberg - *in absentia*. Histórias, versões e teorias das mais absurdas e fantasiosas, ou ao contrário, prováveis, mas sem evidências, passaram a circular sobre o que teria acontecido com esse personagem que parece ser tão esquivo, dissimulado e poderoso. Pesquisadores das mais variadas tendências de diferentes países se dedicaram a essa investigação e, como vimos, mais de um, chegou a encontrá-lo vivendo tranquilamente em algum recanto agradável da América do Sul, ou até mesmo na China.

Mais do que qualquer outro, o desaparecimento de Martin Bormann deu lugar a especulações de toda a sorte, pois para além de um integrante da cúpula do Terceiro Reich, era líder do movimento nazista e muito mais: detentor dos segredos e planos traçados para o pós-guerra. Mas como vimos a sua vida se encerrou quando o Exército Aliado invadiu Berlim no primeiro dia de maio de 1945.

Segundo Girardet, o imaginário conspiratório possui todo um jogo simbólico que podemos identificar. Nos seus discursos existe algo que podemos chamar de “bestiário do complô” – reúne tudo o que rasteja, se infiltra, se esconde. Tudo o que é ondulamente viscoso, tudo o que é tido como portador de sujeira e da infecção: a serpente, o rato, a sanguessuga, o polvo. O subterrâneo ou seu equivalente – cripta, jazigo ou quarto fechado. O imaginário conspiratório carrega consigo um fluxo de imagens, de fantasmas e de representações simbólicas:

Medo dos porões tenebrosos, das paredes sem saída que se fecham, das fossas escuras

de onde não se sobe de novo, medo de ser entregue a mãos desconhecidas, de ser roubado, vendido ou abandonado, medo, enfim, do ogro, dos dentes carniceiros dos animais de presa, de tudo o que tritura, despedaça e devora [...]. O inimigo opera subterraneamente, clandestinamente versátil, inapreensível, capaz de infiltrar-se em todos os meios, sua habilidade suprema é a da manipulação; suas tropas invisíveis mas presentes em todas as partes. <sup>51</sup>

Podemos perceber elementos desse discurso conspiratório na matéria do jornal *O PARANÁ*, de 1976, que menciona a relação do ex-combatente de guerra nazista, o imigrante alemão Heribert Gasa, e sua casa com o suposto movimento nazista na cidade de Marechal Cândido Rondon, cidade localizada no extremo Oeste do Paraná:

Sua casa, construída em estilo europeu e assemelhando-se ao que, com um pouco de fantasia, se poderia chamar de fortaleza (residência ocupa todo o terreno, e o que não é vedado pelas paredes um alto muro encarrega-se de manter afastado de olhares indiscretos). A existência de estranhos subterrâneos sempre foi tema para comentários, e nunca foi difícil para os mais imaginativos relacioná-los com reuniões ultra-secretas sob o símbolo da suástica ou sob os raios prateados que ornavam as golas dos integrantes da SS. <sup>52</sup>

Abaixo segue a imagem da casa de Heribert Gasa vinculada à matéria do jornal *O PARANÁ*, transcrita acima. Na legenda: “Misteriosa ‘fortaleza’ sob o signo da suástica?”

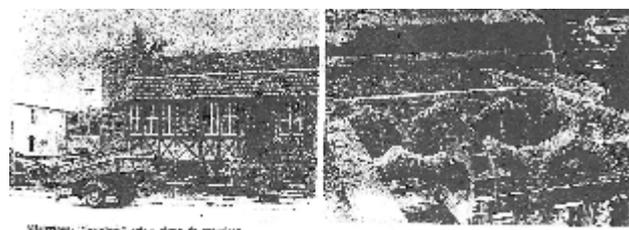


IMAGEM 01 – A casa de Heribert Gasa na fase de construção do seu porão.

Fonte: Jornal *O PARANÁ*, 03 de outubro de 1976, p. 6

<sup>50</sup>BURNSIDE, Patrick. *El escape de Hitler*. Buenos Aires: Planeta, 2000.p. 563.

<sup>51</sup>GIRARDET, Raoul *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo. Companhia das Letras, 1987. p. 57.

<sup>52</sup>Jornal *O PARANÁ*, 03 de outubro de 1976, p. 6

Várias reportagens jornalísticas apresentaram a casa do ex-combatente Heribert Gasa como esconderijo de fugitivos nazistas como Mengele e Bormann e que até mesmo Hitler havia passado algum tempo por lá. Segundo Marcos Stein<sup>53</sup>, são conclusões baseadas principalmente porque a casa, vista pelo lado de fora, é parecida com uma espécie de “bunker”, um refúgio ou esconderijo e por pertencer a um ex-combatente de guerra nazista. Porém, a casa de Gasa não foi a única relacionada como refúgio de criminosos de guerra. No livro de Gerrard Williams e Simon Dunstan – *The Grey Wolf* – e no livro de Abel Basti – *Los secretos de Hitler* – os autores apresentam uma casa localizada na Patagônia, onde Hitler teria vivido após a sua fuga da Alemanha, junto a sua esposa Eva Braun:



IMAGEM 02 – Suposta residência de Hitler na Argentina.  
Fonte: Jornal **O Globo**, 16 de novembro de 2011.

Segundo a matéria da jornalista Janaina Figueiredo, publicada na versão online do jornal O Globo, no dia 16 de novembro de 2011, a suposta residência de Hitler também foi mencionada em documentários para TV realizado nos últimos anos e foi mostrada recentemente pelo jornal "Perfil", que foi até a cidade de Villa La Angostura, na Patagônia, para procurar a residência que teria sido habitada

por Hitler. Figueiredo escreve que o jornal encontrou um terreno de 400 hectares, na margem do lago Nahuel Huapi, cartão postal da região, onde ainda pode ser vista uma grande casa de madeira que atualmente está à venda.<sup>54</sup> A casa também foi destaque de uma matéria produzida pelo programa de televisão da Rede Globo – Fantástico – do primeiro dia de 2012, em que denunciava que a casa poderia ter sido a residência do *Fuhrer* após o término da guerra.<sup>55</sup>

### Considerações finais

Nas obras abordadas que representam os discursos do imaginário político da conspiração nazista, temos a exacerbação de um fato ocorrido após o término da guerra, ou seja: ao denunciar que essas pessoas, que foram consideradas criminosas de guerra nazista, estavam vivendo impunemente nas terras latino-americanas, como muitos viveram, os autores tratam de uma realidade, porém a ficionam para tal objetivo. Usam de personagens reais como Mengele, Bormann e Hitler como mote de incríveis aventuras.

Como escreve David Lowenthal, a diferença entre história e ficção reside no fato de que o escritor de ficção é “forçado a inventar personagens e acontecimentos, ou pensamentos e ações imaginárias para pessoas reais do passado”<sup>56</sup>. Enquanto para o historiador, “o seu ofício proibem-no sabidamente de inventar ou de excluir algo que afete suas conclusões”<sup>57</sup>, ou seja:

Ao se denominar um historiador e a seu trabalho a história, ele escolhe que ela seja julgada pela exatidão, consistência interna e congruência com os registros remanescentes. E ele não se atreve a inventar um personagem, atribuir características desconhecidas ou incidentais aos personagens verdadeiros,

<sup>53</sup>STEIN, Marcos Nestor. **A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis: 2000.

<sup>54</sup>Matéria disponível no site: <http://oglobo.globo.com/blogs/lafora/posts/2011/11/16/a-suposta-casa-de-hitler-na-patagonia-416859.asp>. Acessado em 02 de janeiro de 2012.

<sup>55</sup>A matéria pode ser visualizada no site: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1677611-15605,00HITLER+TERIA+SE+REFUGIADO+NA+ARGENTINA+NO+FIM+DA+VIDA+DIZ+HISTORIADOR.html>. Acessado em 02 de janeiro de 2012.

<sup>56</sup>LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. In: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, nº 17, Novembro 1998. p. 134.

<sup>57</sup>Ibidem. p. 134.

ou ignorar características incompatíveis de modo a tornar sua narrativa mais inteligível, porque não poderia esconder tais invenções daqueles que têm acesso aos registros públicos nem justificá-las quando descobertas.<sup>58</sup>

As narrativas presentes nos livros de Erdstein e Farago, por exemplo, encaixam-se no estilo ficção-policia, em que os autores utilizam a fuga de nazistas para a América Latina como mote para livros ficcionais com personagens reais. Romantizam os fatos, interpretando-os de acordo com a história que querem contar.

Como dito anteriormente, os discursos presentes nesses livros e jornais podem parecer sem crédito, não passando de meras fantasias em um meio acadêmico. Não possuem respaldo devido à falta de provas que confirmariam que, por exemplo, Hitler teria conseguido fugir da Alemanha e vivido o resto da sua vida na Argentina e/ou alguma prova concreta que confirmaria a existência de um IV Reich em formação na América Latina após a Segunda Guerra Mundial. Porém, esse discurso teve grande circulação nas décadas que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial e ainda é mantido em circulação, vide a constante produção de livros sobre o tema. E, devemos pensar nesse imaginário, nesse discurso, como existindo por causa de um complexo conjunto de práticas que tentam mantê-los em circulação.

Essas publicações não são imagináveis sem um contexto receptivo, ou até uma procura ansiosa por histórias desse tipo. Inclui-se, nesse contexto, todo o aparato cultural e científico que se dedica ao tema: as editoras, os meios de comunicação e os historiadores. Como afirma João Fábio Bertonha, na sociedade contemporânea, tudo o que se refere às conspirações tem vendagem garantida. Livros sobre a Opus Dei ou o assassinato de Kennedy, por exemplo, têm público cativo e representam parte substancial do movimento das livrarias. Do mesmo modo, tudo o que se relaciona ao nazismo também atrai a atenção. Não espanta, assim, *“como livros e revistas sobre conspirações nazistas, sobre o relacionamento do nazismo com o oculto e temas correlatos tenham tanto público no mundo todo e*

*há muito tempo”*<sup>59</sup>. Podemos falar da existência de uma “indústria” voltada ao tema.

Somando-se a isso, a fuga de muitos personagens considerados criminosos de guerra devido às atrocidades cometidas durante o período do conflito, para várias regiões do mundo, principalmente para a América do Sul, como Adolf Eichmann e Josef Mengele, possibilitou a instauração no imaginário social a ideia de que o IV Reich estaria em formação em algum lugar do mundo, sendo guiada por tais pessoas. Soma-se ainda, as condições de produção de tal imaginário, o conhecimento por parte da sociedade de todos os horrores cometidos pelo regime nazista durante a guerra e com isso o medo, a insegurança e a desconfiança, de que poderia acontecer novamente.

Portanto, ao observarmos a vasta produção literária sobre o tema, assim como a jornalística, cinematográfica e televisiva, constatamos que esse discurso recebe ampla aceitação no imaginário político-social. Isso demonstra que desde o término da guerra o nazismo continua a nos provocar curiosidade, fascínio e medo. O nazismo e seus personagens continuam a inspirar historiadores e escritores de obras de ficção. Semelhante aos discursos de que *“Elvis não morreu”*, Hitler também estaria vivo, senão formalmente, pelo menos na mente das pessoas.

Artigo recebido em 19/10/2011

Artigo aprovado em 16/12/2011

<sup>58</sup>Ibidem. p. 134.

<sup>59</sup>BERTONHA, João Fábio. **Nazismo, ocultismo e conspirações**. Disponível em: [www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/Publicacoes/histv11n3/381a384\\_rs\\_bertonha%5Brev%5D.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/histv11n3/381a384_rs_bertonha%5Brev%5D.pdf). Acessado em 10 de janeiro de 2011.